

# *Visões ou alucinações? O Brasil na poesia romântica*

*Visions or hallucinations? Brazil in romantic poetry*

Matheus Knispel da Costa\*

Este ensaio tem como objetivo, em um primeiro momento, a exposição de algumas das diversas representações de Brasil nas nossas Letras durante o período no qual o Romantismo vigorou na nossa poesia, para, após essa exposição, teorizar sobre as causas das mudanças na forma de representar a pátria-mãe adotadas pelos poetas desse período.

*This essay has as primary objective to present some of Brazil's different representations in our Literature during the period in which Romanticism prevailed in our poetry. It also theorizes on the causes of changes in the different ways of representing the motherland by the poets of that period.*

Palavras-chave: Poesia Romântica. Poesia Brasileira. Pátria.

*Key words: Romantic Poetry. Brazilian Poetry. Homeland.*

***“Tudo pelo Brasil, e para o Brasil”***

Domingos José Gonçalves de Magalhães, no epílogo de Niterói,  
*Revista Brasiliense de Ciências, Letras e Artes*

Os introdutores do Romantismo no Brasil – Gonçalves de Magalhães e Araújo Porto Alegre – cometeram, sim, os pecados daqueles que vivem períodos de transição, presos que eram ainda às amarras clássicas, mas foram os responsáveis pelo traçado das linhas que aqueles que se propusessem a escrever literatura romântica no Brasil seguiriam. Uma dessas linhas - talvez a característica mais notável na primeira geração romântica - é o amor à pátria, a adoração ao que é nosso. Ferdinand Denis e Almeida Garrett foram os grandes provocadores dos brasileiros instalados na Europa, tendo Denis passado alguns anos em terras brasileiras e se encantado com a paisagem<sup>1</sup>. Sugeriram aos seus conterrâneos que buscassem nos “grandes cenários” das “regiões quentes”<sup>2</sup> a inspiração artística. Ora, se o Brasil era digno de admiração dos grandes

\* Licenciando em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

1. DENIS, Ferdinand. Resumo da história literária do Brasil. In: CÉSAR, G. *Historiadores e Críticos do Romantismo* – 1: a contribuição europeia, crítica e história literária. Rio de Janeiro: LTC; São Paulo: USP.

2. Idem.

letrados de então, por que continuariam os próprios brasileiros a ignorá-lo? Motivos não faltaram para que se estabelecesse o culto ao que é daqui.

Engana-se, porém, quem pensa que a aplicação do “tudo pelo Brasil, e para o Brasil” - palavras do próprio Gonçalves de Magalhães, que abrem este ensaio – foi homogênea. A forma pela qual nosso país foi retratado - quanto foi -, o que se disse dele ou até se se falou dele nos escritos dos nossos expoentes máximos de cada um dos três períodos nos quais a poesia romântica brasileira foi dividida é do que tratarei neste pequeno ensaio, que não pretende ser nem revelador nem definitivo quanto ao tema. Apenas cito alguns pontos os quais julgo interessantes sobre esse assunto. Antes de quaisquer coisas, vejamos as origens da ideia nacionalista no Romantismo europeu, matriz do nosso.

Os países neolatinos, sobretudo Itália e França, disseminaram por toda a Europa e a América os modelos neoclássicos por mais de dois séculos (XVI-XVIII), até a escassez da temática clássica e a tomada de consciência por parte dos países de línguas anglo-saxônicas. Nesses países, notadamente Escócia e Inglaterra, saturados de histórias de um passado que não era o seu, passou-se a estimar velhas baladas populares e temas bucólicos que, além de quebrar a monotonia dos clássicos, faziam referência a um passado que lhes era próprio. A isso se deve somar a famosíssima fraude de James Macpherson, que publicou diversos textos seus misturados a baladas medievais, alcançando grande prestígio e criando uma legião de imitadores, que só fizeram popularizar os temas não-clássicos. Nesse processo de valorização da cultura popular, gradativamente foram vindo à tona os temas que constituiriam o Romantismo europeu e, posteriormente, o brasileiro: o da poesia noturna, o cavaleirismo (sendo o nosso cavaleiro o índio), o sentimentalismo etc. O Romantismo alemão apenas arrematou os padrões que se estabeleceriam, com “Os sofrimentos do jovem Werther”, de Goethe ; “Os Salteadores” e “Guilherme Tell”, de Schiller<sup>3,4</sup>.

Introdução feita, passo a tratar dos *early years* da nossa poesia romântica.

### ***Os primeiros anos de vida***

Gonçalves de Magalhães lançou a ideia; Gonçalves Dias a executou. Como já disse, os introdutores do nosso romantismo ainda apresentavam vestígios clássicos, os quais não afetaram significativamente a obra de Gonçalves Dias. Tratemos do Brasil de Dias, então.

Pressupondo que um país se forme da conjunção de sua gente, da sua natureza e dos eventos aos quais serve de cenário, na obra poética de Gonçalves Dias podemos ter um panorama – às vezes mais, às vezes menos real – do que era o Brasil da época do

3. MOISÉS, Massaud. *História da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix. v. II :Romantismo

4. RICARDO, Cassiano. Gonçalves Dias e o indianismo. In: COUTINHO, Afrânio (Dir.). *A Literatura no Brasil*. São Paulo: Global, 2004. v. III p. II: era romântica.

autor. Melhor: podemos compartilhar as visões do Brasil de Gonçalves Dias.

Diz-se que foi Rousseau (e seu bom selvagem), diz-se que foi a falta de outro tipo nacional<sup>5</sup>. Suposições não faltam para que se tente justificar o valor adquirido pelo índio na obra de Dias. Devem-se considerar, também, experiências pessoais do poeta, como excursões à mata amazônica, ou até mesmo à gênese do poeta: era filho de um português com uma cafuza (um misto de negra e índia). O que se verifica é que ele conhecia o índio e os hábitos indígenas intimamente, e colocou-os em muito de sua obra. Quanto a isso, seu índio era do Brasil e brasileiro – combinação rara –, e não uma importação europeia. Havia a possibilidade de reproduzir a imagem do índio dos Ensaio do francês Montaigne, mas não se fez isso. Daí surge o país expresso por sua gente, como o trecho de “Deprecação”, a seguir, ilustra:

Já restam bem poucos dos teus qu'inda possam  
dos seus, que já dormem, os ossos levar.

Levar os ossos de entes queridos aonde se vá era um costume indígena. Costume dos primeiros brasileiros; logo, costume daqui. Eis o Brasil.

Mas não é só devido aos seus índios que Dias é lembrado. Falou bastante da natureza pátria, geralmente de forma saudosa e em comparação com outros lugares, dos quais a terra natal é sempre melhor. Estão mais do que estudados os poemas dessa linha, dos quais “Minha Terra” e “Canção do Exílio” são os representantes mais citados. Neles, o Brasil aparece de forma que sua natureza encobre tudo o que é “menor”, do que tratarei mais à frente.

Também o escravo - mais exatamente a escrava - foi mote de Dias. É o caso do poema “A Escrava”, cujos versos iniciais “*Oh! doce país de Congo/Doces terras d'além-mar!*” sugerem que os devaneios da escrava ocorram em terras brasileiras, quando “*Do ríspido senhor a voz irada/Rábida soa*” e “*Sem o pranto enxugar a triste escrava/Pávida voa.*” Após esses eventos, vem a humanização da escrava que deixa de ser apenas um corpo que trabalha (filosofia escravista) para ser um ser que sente e sofre:

Sofreu tormentos, porque tinha um peito,  
Qu'inda sentia;  
Mísera escrava! no sofrer cruento.  
Congo! dizia.

Aí, Dias nos mostra – mesmo que timidamente – o que se passava em nossas terras (a escravidão), e quem sofria esse “o que se passava”. O Brasil visto de relance, por assim se dizer.

No “A Vila Maldita, Cidade de Deus”, acontece algo curioso. Mesmo sem

5. NICOLA, José de. *Literatura Brasileira: das origens aos nossos dias*. São Paulo: Scipione, 1994. p. 76-77.

mencionar explicitamente onde se passam os escritos, alguns versos permitem que se encaixe o narrado na realidade brasileira da época:

E ninguém vinha ao retinir de ferro,  
Que assassinava;  
porque era dum valente o punhal nobre,  
Que as leis ditava.

ou mesmo,

E o sacrílego padre só vendia  
O tum'lo por dinheiro;  
Vendia a terra aos mortos insepultos,  
O vil interesseiro!

e, ainda supondo que o narrado se passe no Brasil, os versos

“E Deus maldisse a terra criminosa,  
“Maldisse os homens dela,  
“Maldisse a cobardia dos escravos  
“Dessa terra tão bela.”

expressariam um contraste muito interessante: a “terra criminosa” é, ao mesmo tempo, “tão bela”. O Brasil não seria só virtudes; os vícios começam a vir à tona, encarnados no abuso daqueles que não tem poder pelos que tem. Isso são suposições, mas essa leitura me parece ser uma das válidas para o poema.

### ***Os problemas da adolescência***

E o nosso Romantismo vai ganhando corpo até tornar-se um menino problemático e incompreendido. O ano de 1845 marca o início da fase conhecida como “Ultrarromântica”, cujo poeta maior convencionou-se ser Álvares de Azevedo. Seu estilo faz crer que, quando escrevia, tinha sobre um de seus ombros a mão de Byron e sobre o outro, a de Musset, pois levou às últimas conseqüências o subjetivismo romântico<sup>6</sup>. Dessa forma, não se aproveita sua obra para o que este estudo se propõe, visto que de seus versos surgem imagens avulsas e que mais exprimem seu estado de espírito que alguma visão do país.

---

6. GOMES, Eugênio. O individualismo romântico. In: COUTINHO, Afrânio (Dir.). *A Literatura no Brasil*. São Paulo: Global, 2004. v. III p. II: era romântica.

Já Casimiro de Abreu, tomando emprestado de Gonçalves Dias a saudade da pátria, afirma na sua “Canção do Exílio”:

Se eu tenho de morrer na flor dos anos,  
Meu Deus! não seja já  
Eu quero ouvir na laranjeira, à tarde,  
Cantar o sabiá!

Casimiro segue a linha saudosista nos poemas “Eu nasci além dos mares” e “No lar”. Para ele, a pátria era mais do que uma porção de terra cheia de belezas. Era amiga e companheira de infância, dos seus *dias puros*. Eis um excerto do “No lar” que nos pode ilustrar isso:

Eis meu lar, minha casa, meus amores,  
A terra onde nasci, meu teto amigo,  
A gruta, a sombra, a solidão, o rio  
Onde o amor me nasceu — cresceu comigo.

Assim, o Brasil representou, para Casimiro, o lugar da aceitação: é lá que sua mãe e sua irmã amorosas o aguardam e é lá que a natureza que o viu crescer e que lhe deu berço o espera para dar-lhe leite. É uma justificativa possível para a referência ao lar de forma tão inocente e afetuosa. Pintou seu país da forma que o enxergou: um lugar acolhedor.

Há, também, nessa safra de poetas, Fagundes Varela. Diz-se que era o maior entre os poetas menores desse período<sup>7</sup>. Valeu-se de toda a temática até então já utilizada, o que deu toques de Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo e Casimiro de Abreu a sua obra. Cito-o, pois ele já mostra indícios, na sua obra, de tendências que se estabeleceriam apenas nas próximas décadas, pelas penas dos poetas ditos “condores”, como o aparecimento do negro como tema poético e o nacionalismo que estava muito em voga então - alguns anos a mais e estaria proclamada a República do Brasil. Temos, dessa forma, Varela como marca da transição da poesia romântica para uma fase de cujos altos “voos” literários Castro Alves seria o representante maior. Vamos a ela.

### ***A maioria do Movimento***

Ao final do seu segundo período, conforme já disse, o nosso Romantismo já apresentava os primeiros traços de maturidade. E o ego passa, então, a ceder algum espaço para que as alucinações românticas convertam-se em visões. Cede algum espaço, fique bem claro, pois romantismo e egocentrismo mostraram-se indissociáveis. Este é o

7. BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. 32ª ed. São Paulo: Cultrix, 1994. p. 118

momento em que surge um rapazinho, Castro Alves, que pouco a pouco ganha espaço e vulto nas Letras brasileiras. Conquistou uma série de fãs – e de mulheres. Tornou-se muito popular, capaz de conquistar personalidades nascidas muito após a sua morte, como Érico Veríssimo, que, num livretinho sobre Literatura Brasileira para americanos, escreveu:

Enquanto a maioria dos seus contemporâneos cutucavam suas próprias feridas, fazendo-as sangrar porque isso lhes dava bons motivos para a poesia, Castro Alves voltava os olhos às feridas crônicas e sempre sanguinolentas dos escravos e fez de si o paladino do abolicionismo, descrevendo em poemas muito realistas o sórdido drama da escravidão no Brasil<sup>8</sup>.

É muito válida a síntese que fez Érico Veríssimo. Mas vejamos quais faces assume o Brasil na poética de Castro Alves. Para isso, parafraseio o texto de Érico novamente:

Também ele [Castro Alves] tinha uma paixão por palavras e sua inclinação à grandiloquência era tão forte que seus poemas foram descritos por um crítico como “condoreiros”, a significar que sua atmosfera natural era a das grandes magnitudes verbais<sup>9</sup>.

Eis o condoreirismo, termo diretamente ligado ao nome de Castro Alves e parte importante quando discutimos a forma da qual o autor tratou o país. “Grandiloquência” é o termo usado por Érico, e essa palavra pode resumir a essência condoreira na lógica castro-alvina. Considerem-se os versos de “O Navio Negreiro (Tragédia no Mar)”:

‘Stamos em pleno mar... Dois infinitos  
Ali se estreitam num abraço insano,  
Azuis, dourados, plácidos, sublimes...  
Qual dos dous é o céu? qual o oceano?...

Mar e céu brasileiros são simplesmente infinitos! mas há mais:

Bem feliz quem ali pode nest’hora  
Sentir deste painel a majestade!  
Embaixo — o mar... em cima — o firmamento...  
E no mar e no céu — a imensidade!

Mar e céu brasileiros não são mais “apenas” infinitos: agora formam um painel majestoso – majestoso e infinito, note-se. A natureza brasileira toma forma na poesia de Castro

8. VERÍSSIMO, Erico. *Breve história da Literatura Brasileira*. São Paulo: Globo, 1995. p. 53.

9. Idem.

Alves de uma maneira que remete à carta de Pero Vaz de Caminha a El Rei D. Manuel, em trechos como:

[...] ancoradouro que é tão grande e tão formoso de dentro, e tão seguro [...]

mas isso é apenas uma comparação entre dois escritores que pintaram o quadro de uma terra de feições de gigante. E maravilhoso. Considerando-se a diferença temporal e estilística dos dois, é notável como ainda assim se pode perceber que falavam do mesmo país. Voltando a “O Navio Negreiro”, não é (apenas) pela elevação verbal com que o escritor se refere ao país que se deve a fama que seus versos adquiriram. A plasticidade das cenas que seguem o memorável “*Era um sonho dantesco...*” fazem a imagem dos negros ensanguentados ser imaginável ainda hoje. Retomando o pressuposto que assumi no início do texto – o de que um país se forme da conjunção de sua gente, da sua natureza e dos eventos aos quais serve de cenário -, temos, na obra castro-alvina, um retrato panorâmico do que seria o Brasil da época do poeta.

Na *gente* do país, temos a elevação do negro ao papel central da poesia; sem ele, ela perde sua significância, sua essência. Ser negro não se restringe apenas à escuridão da pele; expõe toda uma estrutura social baseada na exploração de pessoas como objetos. O negro não só passa a ter presença, como também uma expressividade emocional que dá tons ainda não vistos em verso, como muito bem mostra o “Tragédia no Lar”. Primeiramente, o autor adverte o leitor:

Leitor, se não tens desprezo  
De vir descer às senzalas,  
Trocar tapetes e salas  
Por um alcouce cruel,  
Que o teu vestido bordado  
Vem comigo, mas ... cuidado ...  
Não fique no chão manchado,  
No chão do imundo bordel.

e, ao fim do poema, a sofrimento da mãe escrava que tem o filho vendido pelo seu senhor:

Um momento depois a cavalgada  
Levava a trote largo pela estrada  
A criança a chorar.  
Na fazenda o azorrague então se ouvia  
E aos golpes - uma doida respondia  
Com frio gargalhar! ...

Escrava, sim, e sofredora de uma dor que qualquer mãe sofreria numa situação dessas. É a elevação do escravo objeto a ser humano. E do Brasil, parte do nosso povo.

Da *natureza* pátria de Castro Alves já tratei. Lembre-se: “beleza infinita” é uma boa forma de resumir a natureza através da óptica castro-alvina<sup>10</sup>.

Por fim, e para completar minha concepção de país, restam *os eventos aos quais* [o país] *serve de cenário*. O evento indispensável para a compreensão daquela época era o movimento contra a monarquia – e os componentes dela, como o era a escravidão -. Para Castro Alves, a solução para os problemas da nação era a República. Sua poesia não deixou de contemplar esse tema. O escritor mostrou seu repúdio ao sistema então vigente em versos:

Existe um povo que a bandeira empresta  
P’ra cobrir tanta infâmia e cobardia!...  
E deixa-a transformar-se nessa festa  
Em manto impuro de bacante fria!...  
Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é esta,  
Que impudente na gávea tripudia?  
Silêncio. Musa... chora, e chora tanto  
Que o pavilhão se lave no teu pranto!...  
Auriverde pendão de minha terra,  
Que a brisa do Brasil beija e balança,  
Estandarte que a luz do sol encerra  
E as promessas divinas da esperança...  
Tu que, da liberdade após a guerra,  
Foste hasteado dos heróis na lança  
Antes te houvessem roto na batalha,  
Que servires a um povo de mortalha!...

Ao criticar o pilar desse sistema, Castro não culpa pessoa alguma, mas sim o país como um todo. Escravizar passa a ser, assim, um motivo de vergonha para quem aqui vive. No mesmo poema (“O Navio Negreiro”), o poeta afaga o país pelo espetáculo de belezas infinitas que proporciona, mostra de forma facilmente imaginável a situação no negro maltratado para, no fim, “dar um tapa na cara” do país, e mostrar que a monarquia não é mais funcional. Infelizmente para ele, não viveu para ver a República – que tanto desejou - ser proclamada.

Castro Alves fecha o Romantismo falando do país de uma forma muito contrastante com a qual o fizeram os primeiros românticos. Entre visões e alucinações, de um princípio no qual só se enxergava a natureza a um fim no qual se passam a notar elementos constituintes da “vergonha nacional”, quais fatores influíram na escolha temática dos escritores do nosso Romantismo? A pergunta é boa; vejamos o que se pode dizer a esse respeito.

---

10. CUNHA, Fausto. Castro Alves. In: COUTINHO, Afrânio (Dir.). *A Literatura no Brasil*. São Paulo: Global, 2004. v. III p. II: era romântica



## *Sobre o espírito romântico*

Nossos manuais de Literatura e livros didáticos amiúde reduzem as mudanças do comportamento romântico a influências de diferentes autores europeus, dizendo que ora fora um Musset, ora um Hugo etc. a inspiração para os poetas daqui<sup>11</sup>. Não acredito estarem esses livros por completo errados; na verdade, o problema de definições como tais é a redução de movimentos complexos, múltiplos, inconstantes, a algo como uma fórmula matemática, simplista deveras, na qual se estabelece quem está em função de quem e, assim, dá-se a forma literária. Definitivamente, não é esse o caso, nem nunca o será em se tratando de Literatura. O que se pode fazer é uma observação delicada, atenciosa, de todo o universo que então cercava a vida do autor ou autores em questão, considerando certos fatos biográficos que possam ser relevantes ao estudo para, assim, poder supor – aproximando-se ao máximo da certeza, sem contudo nunca a atingir – o que causou o que na complexidade que é a obra literária.

Fiz toda essa digressão para deixar claro que se estou escrevendo esta proposição quanto às mudanças nas almas românticas – termo que vou retomar mais tarde -, é porque as que até então li não me convenceram em todo ou não abordaram o tema diretamente, apenas deixando a interpretação para quem a quisesse tomar. Esse último caso é o de Afrânio Coutinho e Erich Auerbach.

Indo além de Coutinho<sup>12</sup> ao falar da alma – às vezes, *espírito* – romântica, Auerbach assim descreve o poeta romântico, na sua *Introdução* aos estudos literários:

O poeta romântico é um estranho entre os homens [...]. A melancolia solitária se torna a base de uma grande poesia lírica, e a fuga para a vida idílica do campo uma necessidade imperiosa provocada pelo mal-estar que os românticos experimentam quando se encontram nas cidades e na sociedade dos homens. As almas superiores são almas incompreendidas, feridas pela bulha vã da vida pública e civilizada, pela falta de virtude, de franqueza, de liberdade e de poesia da vida moderna.

[...]

Os espíritos delicados, superiores, generosos e poéticos se sentiam estranhos nessa vida moderna; refugiavam-se na melancolia, no lirismo, no orgulho solitário; às vezes, numa ironia trágica e paradoxal; amiúde, na reação política e religiosa<sup>13</sup>.

Tem-se o Romantismo como, sobretudo, um movimento anticlássico, que ganhou força através das “ações literárias” dos escritores que sentiram suas almas, seus espíritos, feridas por um classicismo petrificante. Ora, por mais semelhantes que sejam dois ou

11 NICOLA, José de. *Literatura Brasileira: das origens aos nossos dias*. São Paulo: Scipione, 1994. p. 76. Eis um exemplo de manual não raro simplista na definição de motivos.

12 COUTINHO, Afrânio. O Movimento Romântico. In: COUTINHO, Afrânio (Dir.). *A Literatura no Brasil*. São Paulo: Global, 2004. v. III p. II: era romântica: p. 7.

mais escritores, suas almas ainda são únicas, e cada qual será afetada de forma singular. Isso justifica a acentuação de determinadas características – como o sentimentalismo, nacionalismo etc. - em certos românticos, além de fazer do movimento algo difícil de ser definido. Daí a necessidade de especificar ao máximo de qual romantismo se fala: do alemão, do brasileiro etc., e, neles, delimitar épocas e escolher autores que as representem. Foi exatamente o que se fez com o nosso Romantismo.

Temos no Brasil, no primeiro dos momentos românticos, uma situação delicada: a independência ia completando seus primeiros anos de vida, D. Pedro I estava no auge de seu autoritarismo, a Confederação do Equador tomava lugar. Eram tempos de confusão, de crises sócio-econômicas etc., e era nesse cenário que os “espíritos delicados” dos românticos se viram. Decerto as fugas rumo à natureza são provas de que não era nos centros urbanos que os escritores encontrariam sua poesia; preferiram o longínquo, o intocado. Imagino que era assim que se sentiam: intocados. Sentiam que o lugar no qual viviam não era seu lugar: estavam deslocados. Quando tratou-se da vida urbana, não se pôde falar de sentimentos quaisquer sem que fossem citados os problemas tão abundantes. “A Escrava”, de Gonçalves Dias, poema já aqui anteriormente usado, pode ser usado novamente, agora para ilustrar isso. Fala-se da saudade que se sente e, ao citar a causa da saudade, surge a escravidão. É certo que o poema é sobre escravos desde o título, mas o raciocínio que propus parece ser válido. Ora, se não há como falar do que está próximo sem tocar em feridas, escreve-se sobre o que há de mais distante e puro – no nosso caso, nossa natureza. Seria artificial demais falar de um casal de namorados a passear nas ruas do Rio ocultando fatos tão presentes e rotineiros - no caso do “A Escrava”, a presença do escravo -, e seria falso demais tratar de qualquer outra coisa num ambiente com vícios tão agudos que não os próprios vícios.

Entrando no segundo período romântico, o do subjetivismo ao extremo, acredito que o caso ainda seja o mesmo do primeiro período, embora em um nível de abstração diferente. Anteriormente, fugia-se para o longe, para o puro, pois tudo o que há perto é impureza. Mas com os anos veio às letras um grupo de jovens poetas, frutos de uma sociedade cada vez mais urbana. Os cursos de Direito eram quase que templos nos quais quem entrava se convertia à boemia. Orgias tomavam lugar frequentemente. Esqueceu-se dos índios e das matas por algum tempo, e passam os poetas a fugir, cada vez mais, para o interior de si próprios. Tenho a fala de Macário – da peça de mesmo nome, de autoria de Álvares de Azevedo – como uma bela representação disso:

Falam nos gemidos da noite no sertão, nas tradições das raças perdidas da floresta, nas torrentes das serranias, como se lá tivessem dormido ao menos uma noite, como se acordassem procurando túmulos, e perguntando como Hamlet no cemitério a cada caveira do deserto o seu passado. Mentidos! Tudo isso lhes veio à mente

---

13. AUERBACH, Erich. *Introdução aos estudos literários*. São Paulo: Cultrix, 1972. p. 228-229.

lendo as páginas de algum viajante que esqueceu-se talvez de contar que nos mangues e nas águas do Amazonas e do Orenoco há mais mosquitos e zezões do que inspiração que na floresta há insetos repulsivos, répteis imundos; que a pele furta-cor do tigre não tem o perfume das flores, que tudo isto é sublime nos livros, mas é soberanamente desagradável na realidade!

“Soberanamente desagradável na realidade”. Isso é interessante, pois daí sai algo bastante contraditório: é só fugindo da realidade que o poeta pode a encontrar de fato. Isso acontece, pois há duas realidades: uma externa, outra interna ao poeta. A maneira que os poetas encontraram para ser sinceros consigo mesmos foi tratar daquilo que, se não era do que mais sabiam, era com o que mais tinham contato: eles próprios. Mas talvez isso vá além do desejo de sinceridade do poeta para consigo; pode se pensar em algo como a busca por uma poesia mais natural, fluida. Nem todos tiveram oportunidade e interesse iguais aos de Gonçalves Dias, que viajou pelo país adentro, entrando em contato, assim, com a tal natureza. Para a maioria, a realidade era a cidade, a Faculdade de Direito, a boemia. O subjetivismo dos escritores dessa época explica-se pela ascensão do sujeito a mote poético. Eis algo fácil de ser notado, mas nem tanto de ser esmiuçado. Entra-se progressivamente em si próprio por ser o último recurso do poeta “estranho entre os homens”, o último lugar onde há compreensão – ou, ao menos, ouvidos – às mais íntimas inquietações do poeta, que, em certa medida, são inquietações de todo seu tempo, um tempo em que se tenta manter sólidos valores que teimam em se derreter, por não mais serem – ou nunca terem sido -, válidos à sociedade. Mas, como disse, não é fácil esmiuçar esse tema. Assim sendo, espero ter sucedido, mesmo que em parte.

Chegamos, então, ao terceiro período romântico brasileiro. Agora, já se pode compreender porque, mesmo nos contrastes, o Romantismo ainda é Romantismo, e não outros tantos “ismos”. Mesmo nas suas diferenças, os poetas ainda podem ser reduzidos às “almas delicadas” de Auerbach. Como já disse, o que muda são as maneiras como essas almas reagirão àquilo que lhes for exposto. Nos tempos de Castro Alves, o assunto era a escravidão. Passou-se a falar dos escravos sobretudo após os primeiros golpes – mesmo que fossem “tapinhas”, tão fracos que foram – às estruturas do sistema escravocrata. Pressão inglesa, cessão brasileira. Lei após lei, por mais não funcionais que fossem – a expressão “para inglês ver”, nesse caso, pode ser usada ao pé da letra -, refletiam no todo que era a sociedade brasileira. Alguém talvez dissesse que só isso já “explica” o teor libertário da poética da terceira geração romântica; acho que isso é cair no erro, ou acerto menor, do simplismo ao qual já me referi nalguma parte do texto. Já que Castro Alves é o ícone da geração chamada condoreira, e já que foi sobre ele que escolhi comentar mais acima no texto, tentarei falar mais algo desse escritor.

Embora a tradição romântica anterior a Castro Alves fosse a de fugir do que não se pode resolver, o poeta baiano encontrou uma saída intrigante. Seu grande tema é a escravidão, e é esse seu maior problema, também. Fossem outros os tempos, fugir-

se-ia para o mais longe possível do problema - o que faz todo o sentido, uma vez que os indivíduos não dispunham de meios para “resolver” os problemas que os cercavam. Bem, Castro Alves também não dispõe. Ou melhor, dispõe, mas não da ferramenta em si, propriamente dita, mas de algo que, mesmo que não resolvesse o problema, poderia acarretar sua solução: ele era um provocador. Castro Alves “passou a batata quente” da escravidão aos seus leitores, de forma que eles não poderiam ficar inertes quanto aos fatos após ouvir o poeta declamar algo como “O Navio Negreiro”. A agonia era irresistível. Algo havia de ser feito. O escritor torna-se um repórter que relata acontecimentos que só não estão ocorrendo com o leitor ou ouvinte por mera diferença de sorte. Faz o que é cruel tornar-se duplamente cruel por estar vestindo uma grande ironia precisamente medida para a cena. Castro Alves não precisou fugir da realidade, rumo a algum lugar ou passado distantes, pois seus olhos miravam o futuro. Suas ações, por não já não serem feitas visando a um resultado instantâneo, concretizar-se-iam num futuro talvez não muito distante, pelas mãos daqueles que fossem tocados pelos seus versos. E o poeta de tal forma foi feliz que até hoje, mais de cem anos distante do dia da abolição da escravatura, ainda se podem sentir as agonias dos negros que habitam seus versos.

Com isso, acredito que as almas ou os espíritos românticos possam ser considerados fortes (se não os maiores) direcionadores da visão romântica, por decidirem o quanto do que é visto chega ao papel e, quando chega, a forma pela qual isso acontece. Conforme já disse, não há um motivo-chave, que se encaixe em quaisquer situações em que se busque pelos motivos de um escritor como criador de sua obra. Mas se pode chegar perto dessa resposta. As páginas que você acabou de ler são o mais próximo que - por enquanto - consigo chegar das causas de visões ou alucinações na poesia romântica, e, por mais perto ou longe delas que eu tenha chegado, elas permanecerão nos seus lugares, onde sempre ficarão, intocadas.

## ***Referências***

- AUERBACH, Erich. *Introdução aos estudos literários*. São Paulo: Cultrix, 1972.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. 32<sup>a</sup> ed. São Paulo: Cultrix, 1994.
- COUTINHO, Afrânio. O Movimento Romântico. In: COUTINHO, Afrânio (Dir.). *A Literatura no Brasil*. São Paulo: Global, 2004. v. III p. II: era romântica : p. 7.
- CUNHA, Fausto. Castro Alves. In: COUTINHO, Afrânio (Dir.). *A Literatura no Brasil*. v. III p. II: era romântica. São Paulo: Global (2004).
- DENIS, Ferdinand. Resumo da história literária do Brasil. In: CÉSAR, G. *Historiadores e Críticos do Romantismo – 1: a contribuição europeia, crítica e história literária*. Rio de Janeiro: LTC; São Paulo: USP.
- GOMES, Eugênio. O individualismo romântico. In: COUTINHO, Afrânio (Dir.). *A Literatura no Brasil*. São Paulo: Global, 2004. v. III p. II: era romântica.
- MOISÉS, Massaud. *História da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, [19--?]. v. II: Romantismo.
- NICOLA, José de. *Literatura Brasileira: das origens aos nossos dias*. São Paulo: Scipione, 1994. p. 76-77.
- RICARDO, Cassiano. Gonçalves Dias e o indianismo. In: COUTINHO, Afrânio (Dir.). *A Literatura no Brasil*. São Paulo: Global, 2004. v. III p. II: era romântica.
- VERISSIMO, Erico. *Breve história da Literatura Brasileira*. São Paulo: Globo, 1995. p. 53.

*Artigo recebido em: 19 nov. 2010*

*Aceito em: 1 abr. 2011*

